

XXIII Assembleia Geral Eletiva da CRB

15 a 19 de julho de 2013

“era preciso que isso acontecesse!” (Lc 24, 26)

ALGUNS ‘SINAIS’ QUE A VR NÃO RECONHECEU NESTES 50 ANOS

Carlos Palácio, S.J.

“...*Era preciso que isso acontecesse*” e “...*não esperávamos que fosse acontecer*”. Duas frases que traduzem muito bem o desapontamento que tomou conta de muitos diante da evolução da VR nos últimos 50 anos. As duas atitudes são sacudidas no seu conformismo pela grave pergunta do Senhor: “*não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso?*” Essa pergunta nos coloca diante da inevitável morte e ressurreição da VR: é impossível compreender este processo e dar-lhe um desfecho sem completar o ciclo pascal pelo qual tem que passar ainda a VR.

1. Situar-se a partir do texto

Os dois discípulos, diz Lucas (24,14ss), “*conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido*”. Mas o que *aconteceu* de fato? Há, com efeito, uma distância entre o ‘acontecido’ e o que eles deram conta de ‘viver’.

O texto não oculta a conversa pouco animadora: há ideias unilaterais, marcas que permanecem, traumas mal elaborados que minaram a fé e a esperança. Isso condiciona o modo de ver o que ‘aconteceu’: que foi a vida de Jesus? Que fizeram dele os poderosos? Que realizou Deus através de tudo isso? Porque tudo isso faz parte do ‘acontecido’; o desânimo, porém, lhes impede de ver os ‘sinais’ que existem. As aparentes ‘evidências’ enganam.

A pedagogia de Jesus é significativa: sem elaborar e processar o vivido, será impossível outra leitura do ‘acontecido’. De maneira sutil, Jesus inicia com eles uma ‘terapia da escuta’; eles lavam a alma num desabafo livre e vão dando nome aos acontecimentos. Atento ao que dizem, Jesus vai recolhendo elementos para uma leitura diferente.

Pode, então, passar da ‘terapia da escuta’ para a ‘terapia do choque’: primeiro, denunciando o que oculta essa lentidão (sem inteligência; lerdos para crer! v.25) e, a seguir, à luz da palavra da Escritura, ajudando-os a discernir a vida e os acontecimentos, até poderem reconhecer uma lógica de Deus em tudo isso e por que “*era necessário*” (v.26).

2. Pressuposto desta re-leitura

O pressuposto da nossa releitura é a distância entre o que de fato ‘aconteceu’ e o que a gente ‘diz que aconteceu’, o que sobrou para nós do

'acontecido'. Para saber quais são os 'sinais' que a VR foi incapaz de reconhecer, ao longo desses 50 anos, é preciso ter presente a distância que existe entre o 'acontecido' e o 'vivido'.

O tema desta XXIII AGE é: "VR hoje: identidade e esperança". Esse 'hoje' é decisivo para saber de que identidade e de que esperança se trata. Para tanto, é necessário um duplo distanciamento: em relação ao presente 'hoje' e em relação ao 'passado'.

Em relação ao presente, em primeiro lugar. Que significa *viver* o 'presente': identificar-se totalmente com ele, ou tomar distância suficiente para compreender as suas 'luzes e sombras' e assim entender o que está acontecendo? Sem essa distância crítica, somos vítimas do presente (cfr. a moda: de pensar, de vestir, etc.). Mas, tomar distância crítica é descobrir que no presente está inscrito o passado não vivido ou mal vivido. Em outras palavras: tomar distância é deixar de ser unicamente atual.

E este é o segundo distanciamento: o 'hoje' remete a algo fora de si; só tomamos consciência desse fato quando 'olhamos para trás'. E, contudo, o que somos 'hoje' seria incompreensível sem saber que aconteceu 'então'. Mas, como a luz estelar, o passado só chega até nós muito tempo depois.

Os 'sinais' que a VR foi incapaz de reconhecer se inscrevem nesse espaço, nessa distância que se abre entre o 'hoje' e o 'passado', entre o 'acontecido' e o 'vivido', entre o que o Concílio Vaticano II suscitou – o que estava implícito nesse acontecimento – e o que a VR deu conta de viver, de levar adiante, de incorporar.

3. Travessia pós-conciliar: processos interrompidos

Marcos (6, 45-52) pode nos servir como 'parábola' da travessia da VR ao longo destes 50 anos. Depois de abandonar a margem conhecida, "no meio do mar", foi surpreendida por uma tempestade. Da 'terceira margem' – não a que ela imaginava. Alguém estava há tempo à sua espera, acenando-lhe (esperança) para lhe dizer quem é (identidade). Identidade e esperança só podem ser vividas como graça que nos é dada.

Muitos e incontestáveis são os frutos da renovação pós-conciliar. Não vem ao caso fazer um balanço desse período. É suficiente lembrar que foi o momento da: a) elaboração de uma *nova auto-compreensão* da VR que a reconduziu às suas raízes cristãs e evangélicas (visão teológica antes que jurídica; a mística do seguimento e do evangelho, etc.); b) *descoberta da riqueza multiforme dos carismas* e, como consequência, da diversidade possível de formas; c) firme decisão de entrar pelo *caminho das reformas profundas* (exercício da autoridade, estruturas de governo, estilos de vida, inserção no meio dos pobres, valor e reconhecimento da pessoa, etc. e as consequências de tudo isso sobre a formação).

O itinerário pós-conciliar da VR não foi linear nem uniforme; foi feito de avanços e recuos, como todo processo histórico. Mal tinha começado a renovação pós-conciliar (com as inquietações por ela suscitadas) e a VR foi colhida por outra tempestade: a irrupção da pós-modernidade, com as profundas transformações de mentalidade, comportamentos, valores, etc. que trouxe consigo – visíveis, sobretudo, a partir de meados dos anos 70 – cujos efeitos não podiam deixar de repercutir na Igreja e na VR.

Durante algum tempo, a VR navegou à deriva, sem rumo definido, à mercê dos acontecimentos. Aberta aos desafios que iam surgindo (minorias, gêneros, novas gerações, etc.), remando, experimentando, mas sem metas claras, sem ela mesma entender o que estava ‘acontecendo’.

Não se trata de instaurar um processo contra o período pós-conciliar. Eram muitas as transformações pelas quais ‘era necessário’ que passasse a VR. Mas, hoje – com lucidez, humildade e realismo que só o tempo permite – é preciso reconhecer que o processo nem sempre foi claro. Era difícil separar o joio do trigo. Critérios, valores e comportamentos não evangélicos ou, pelo menos, não ‘processados evangélicamente’, foram se infiltrando na maneira de compreender e de viver a VR.

Nesse vaivém de idas e vindas, houve processos interrompidos ou impossibilitados de chegarem a término e caminhos que se revelaram impérvios. É preciso ter presente esse conjunto para detectar alguns dos ‘sinais’ que não foram compreendidos pela VR.

4. “Sinais” que a VR não reconheceu ou não soube interpretar

Limito-me a alguns ‘sinais’ que considero mais importantes em si mesmos ou pelas consequências que tiveram.

a) O movimento incompleto da ‘*volta às fontes*’.

Com esse apelo, o Vaticano II chamou a VR à descoberta do carisma particular de cada fundação (reencontro com as origens, inspiração dos fundadores, conversão ao essencial, retorno ao evangelho). A recuperação das ‘origens’, contudo, na intenção do Concílio, não era uma arqueologia do passado. Ir ao encontro das próprias raízes visava mostrar a força atual dessas raízes, projetando o carisma para o futuro. A verdadeira ‘memória do passado’ (como a verdadeira tradição) só é viva quando faz viver, quando libera a vida disponível, escondida ainda nas origens. Daí lhe vem a força para reinventar o futuro, projetando-o para frente, com o dinamismo inspirador da primeira experiência.

A identidade da VR não está na repetição do passado (imitar o que os fundadores fizeram); consiste em recriar a experiência original, pela força do Espírito, tendo a certeza serena de estar vivendo a mesma experiência dos

fundadores (continuidade), mas assumindo a diferença de tempos, contextos e expressões (descontinuidade, ruptura, novidade).

Esse segundo movimento, contudo, mesmo que indispensável, nunca foi completado. Com a 'volta às fontes', a VR apostólica tomou consciência do que lhe era específico como 'forma de vida' diferente. Mas essa novidade tinha sido traduzida dentro do 'modelo monástico', que manifestamente era inadequado. A VR apostólica clamava por uma 'expressão' própria. Mas não basta saber *o que não se quer* para dizer *o que somos*.

A busca da identidade e a expressão visível dessa 'forma de vida' são inseparáveis. Bem ou mal, durante muito tempo, o 'modelo tradicional' foi o eixo estruturante que deu coesão interna e visibilidade à VR apostólica. Mas ela carecia de um modelo de expressão próprio que brotasse das raízes da sua própria identidade. Como formular essa identidade naquele momento de constantes mudanças?

O vazio deixado pelo 'modelo monástico' não foi preenchido. A VR não sabia nem tinha o que pôr no seu lugar naquelas circunstâncias. Esse é outro 'sinal' que não foi reconhecido e por isso não foi interpretado.

b) Ausência de um modelo alternativo e fragmentação da experiência

As vicissitudes daquele momento histórico não permitiram que a VR apostólica encontrasse uma tradução coerente da sua 'forma de vida'. Ela teve que entrar nas agitadas reformas pós-conciliares sem uma identidade bem definida que lhe servisse de 'coluna vertebral'.

Mudanças de todo tipo: institucionais, de estilo de vida, abertura ao mundo, renovação espiritual, formas de comunidade, opções apostólicas, comportamentos e valores se sobrepunham e se sucediam sem conexão explícita com a 'volta às fontes'. Eram como blocos erráticos em torno da constelação VR, sem uma estrutura que lhes desse unidade e, sobretudo, lhes devolvesse o sentido e o 'espírito'.

A VR apostólica viveu a renovação pós-conciliar de forma fragmentada e desarticulada. Situação contraditória, cujas consequências se fariam ver mais tarde. As mudanças, mesmo que necessárias, eram insuficientes. Era urgente pô-las em relação com o que define a VR apostólica, 'processá-las' à luz do evangelho, conduzi-las à raiz das origens, oferecer-lhes, enfim, uma 'coluna vertebral' capaz de dar unidade ao vivido.

Esse trabalho é indispensável, mas ainda está por vir. Ele exigirá da VR apostólica o esforço ingente de transpor a sua experiência e a sua 'forma de vida' numa linguagem (verbal, mas também institucional) significativa para os que vivem a experiência e inteligível aos outros. Só quando a VR como tal constitui uma interrogação viva para os outros ("quem és tu, que ages dessa maneira e vives assim"?) pode-se ter certeza que está tocando sua identidade e que é 'sinal' de alguma coisa.

O que estamos chamando 'modelo alternativo' é parte integrante desse esforço, não um apêndice qualquer do qual se pode prescindir. Mas é claro que ele não poderia cair pronto do céu. O modelo só pode expressar e dar visibilidade à experiência unificada de vida. Ora, o grande desafio da VR pós-conciliar era recuperar a *unidade original* dos elementos que constituem a sua 'forma de vida': a) a experiência de Deus que chama, b) o chamado a viver com outros em fraternidade e c) o envio em missão.

Reformular essa experiência à luz da *memória viva do passado* seria reconstruir a sua identidade como releitura das origens. Mas a VR apostólica ainda não encontrou uma resposta adequada para esse desafio. E esse é o terceiro 'sinal' com o qual está se debatendo ainda hoje a VR apostólica.

c) Necessidade de *ressignificar a identidade*

A VR é obrigada a ressignificar a sua identidade em dois sentidos: por ter sofrido um importante deslocamento eclesial, e pela necessidade de ter clareza sobre a sua relação com o mundo ao qual é enviada. É mais exato por isso designar esse trabalho como 'ressignificação' do que denominá-lo 'crise de identidade'. Não se trata de discutir uma identidade teórica, mas de saber qual é o seu exato lugar na comunidade eclesial e na sociedade.

O lugar na Igreja. A busca de identidade da VR apostólica pós-conciliar foi interrompida quando foi obrigada a redefinir-se a partir da vocação comum de todos os cristãos ou vocação cristã fundamental. Quando a constituição *Lumen Gentium* afirma que *todos os cristãos* são chamados a uma vida cristã plena (a santidade), o Vaticano II compeliu as outras vocações - VR e presbiterado - a compreender-se a partir da igualdade da vocação cristã fundamental ou 'vocação comum' (primeira identidade).

A VR perdia assim o seu estatuto de vocação privilegiada ou superior (estado de perfeição) e tinha que formular para si mesma em que consistia a 'diferença' da sua forma de vida em relação às outras vocações. Só assim poderia reencontrar o *seu lugar* dentro da comunidade eclesial.

Não era só uma questão teórica. Era outra maneira de ver a Igreja e de situar-se nela. A *diferença* entre as vocações na comunidade eclesial não é sinônimo de *superioridade* de umas sobre as outras. Não se entendem as vocações na Igreja como concorrência e sim como convergência: cada uma, a seu modo, contribui para o bem e o crescimento do corpo eclesial.

Não é evidente que a VR tenha assimilado essa mudança profunda de perspectiva. A emergência dos leigos na comunidade eclesial, a proliferação de 'movimentos' e 'novas formas de vida', o fenômeno dos 'colaboradores' e dos 'leigos associados' são alguns indícios que permitem suspeitar que a VR não sabe lidar ainda pacificamente com a relação entre a sua vocação e as outras vocações, não chegou a ressignificar totalmente a sua identidade eclesial ou o seu lugar na Igreja.

O lugar no mundo. A segunda razão pela qual a busca de identidade da VR no pós-Concílio não foi levada até o fim é o que poderia ser designado como desarticulação da missão. As consequências dessa desarticulação se fazem sentir de maneira decisiva no modo de viver e entender o seu lugar no mundo e na sociedade.

A missão, na chamada VR *apostólica*, não é um apêndice acrescentado posteriormente ou do qual se possa prescindir sem maiores consequências; é algo constitutivo, inerente à sua identidade. E, por isso, afeta o modo de viver a experiência de Deus e o que significa a 'vida fraterna'. Eis por que urge repensar o significado da missão na identidade da VR.

A separação acolhida e veiculada pela linguagem comum entre 'ser' e 'fazer' não é inocente. Ela é ambígua por dar a pensar que seria possível definir a identidade (o 'ser' da VR) à margem da missão (o que ela 'faz'). Ora, aceitar essa separação equivaleria a desfazer a unidade característica desse tipo de vida. O 'ser religioso' e o 'ser para os outros' não se podem separar. Ser e viver esse tipo de vida é, em si mesmo, missão. E não há missão que possa sobreviver sem essa mística.

Essa é a fonte de muitas dicotomias que desembocam quer numa espiritualidade desencarnada, quer num ativismo desenfreado. Ambos os caminhos podem levar a VR apostólica a perder a sua mística própria e acabar numa situação de 'anemia espiritual'.

O papel da VR apostólica na Igreja não é ser uma vocação superior, um 'estado de perfeição'; é, acima de tudo, manter viva a 'memória do evangelho'. É o maior serviço que ela pode prestar à Igreja. A sua missão, como memória de um evangelho sem glosa, é fecundar a comunidade dos cristãos, suscitando neles esse desejo e não deixando que se apague o dito de Jesus: "entre vós não deve ser assim".

Esse é também o caminho pelo qual a VR encontrará o lugar que lhe cabe no mundo e na sociedade. O maior serviço que ela pode prestar à sociedade não são as obras que realiza. Para além da entrega e dedicação aos homens e mulheres com os quais convive, o grande serviço da VR à sociedade é o testemunho límpido - a vida como palavra - de que este mundo só poderá ser transfigurado (i.é. ter a figura da justiça para todos) quando todas as suas relações estiverem atravessadas pelo espírito que anima as bem-aventuranças: pôr o pobre em primeiro lugar. Quando essa missão for clara e transparente, a VR estará plenamente no mundo (pela missão), sem ser do mundo no sentido joanino, i.é. sem identificar-se com sua mentalidade e valores.

5. A modo de conclusão

Definir esse duplo lugar exige *hoje* da VR apostólica um discernimento retrospectivo sobre o vivido nos últimos 50 anos, de modo especial sobre as

consequências dos processos interrompidos na evolução pós-conciliar da VR apostólica. Sem esse esforço de conjunto não poderá dizer a si mesma por que há *esperança* na recuperação de sua *identidade*.

Três aspectos parecem fundamentais nesse esforço de discernimento: a) o da 'confissão' e conversão; b) o do reencontro com o específico dessa VR; e c) o da expressão que dê visibilidade à experiência.

O primeiro está relacionado com o inegável desencanto, visível ainda em diversos setores da VR apostólica. A raiz dessa falta de esperança pode estar na assimilação inconsciente e clandestina de 'elementos mundanos' (Cl 2, 20), incorporados à VR apostólica ao longo do processo, sem passar pelo crivo do evangelho. Detectar esses elementos (critérios, valores, estilos de vida, comportamentos, mentalidades, etc.) é indispensável para que possa haver 'confissão da vida' e, por conseguinte, restauração da esperança.

O segundo aspecto decorre dessa conversão ao essencial: reconstituir a "experiência fundante", a síntese viva dos elementos que constituem a VR apostólica. Resgatar e explicitar esse 'núcleo identitário' é condição para que a *identidade* gere *esperança*; não qualquer esperança, mas a que vem do evangelho, a dos loucos por Cristo, sem a qual não há VR.

A partir daí será possível, em terceiro lugar, chegar a uma expressão adequada que dê visibilidade a esse tipo de VR, um 'modelo alternativo' que ocupe o vazio aberto ao abandonar o 'modelo monástico'. Não se trata de criar estruturas nem de restaurar antigas normas. Mas é preciso reconhecer que nos movemos entre resíduos do passado e fragmentos de experiências novas, sem termos chegado a uma expressão coerente. Para superar essa diversidade caótica e dar um mínimo de coerência ao vivido, é necessário encontrar: a) um horizonte comum de compreensão; b) uma linguagem que 'identifique' a diversidade de perspectivas e permita um reconhecimento de todos; e c) um 'ethos' específico, um modo de ser que crie comportamentos diferenciados de vida.

Definidos os elementos constitutivos desse tipo de VR não será difícil mostrar como se articulam entre si e a unidade da experiência: onde reside a especificidade dessa 'forma de vida. As pessoas (cada grupo ou instituto) terão condições de dizer 'quem são', e de transpor essa afirmação num 'modo de viver' coerente com a 'forma de vida'.

Tudo leva a pensar que estamos diante do discernimento decisivo pelo que tem que passar 'hoje' a VR apostólica. Identificar esse 'ciclo pascal', as 'mortes' necessárias ainda para completar 'hoje' o processo vivido nesses 50 anos, parece ser a condição para a VR apostólica ressurgir recriada.